ENTRE A PRESENÇA E A AUSÊNCIA: o compromisso com a verdade dos cronistas de Índias do século XVI

Maria Emília Granduque JOSÉ*

● Resumo: Nos diferentes modos de escrita da história da conquista espanhola do México no século XVI, o compromisso com a verdade dos fatos narrados era consenso entre os cronistas espanhóis. Na produção de crônicas, histórias, cartas e relações os diversos autores apoiaram-se em dois mecanismos principais para tornar legítimo o relato: o conhecimento advindo da experiência nas Índias revelado pelo testemunho próprio do cronista, e o conhecimento livresco tirado de livros antigos e de obras recém escritas por quem esteve presente nos acontecimentos, somado ao relato oral proclamado pelos muitos conquistadores. Em outras palavras, a história da conquista espanhola teve seus capítulos contados por "cronistas de vista" e por "cronistas de oída" que, de formas distintas, buscaram alcançar a fidelidade dos eventos passados. Neste breve artigo, a proposta é analisar a querela surgida entre a história produzida por quem esteve de corpo presente na América e assistiu de perto os acontecimentos e por aqueles que redigiram seus textos na cadeira do gabinete, acompanhados de livros e de testemunhos confiáveis. Mais precisamente, a oposição entre o "cronista de vista" Bernal Díaz del Castillo e o "cronista de oída" Francisco López de Gómora permeará a presente discussão.

● Palavras-chave: Cronistas de "vista" e cronistas de "oída", verdade, história, conquista espanhola do México no século XVI.

> "[...] aquele que escreve de orelha [...] é como os papagaios e os estorninhos que falam sem saber o que estão dizendo e ciscam quando estão com fome – e, por vezes, a sua imaginação se excede". (Gonzalo Hernández de Oviedo).
>
> "Todo en el sueño europeo de posesión se basa en el testimonio, entendido como una forma de visión significativa y representativa. Ver es garantizar la verdad de lo que de otro modo sería considerado increíble". (Stephen Greenblatt).

Na composição das Crônicas de Índias,[1] a preocupação com a fidelidade dos acontecimentos narrados atuou de forma preponderante para todos os cronistas

*Mestre em História da América Colonial pela Universidade Estadual Paulista – campus Franca.

[1] Simón Valcárcel Martínez considera todos os textos produzidos até 1600 que versam sobre o descobrimento, conquista e colonização da América como crônicas de Índias. VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. *Las crónicas de Índias como expresión y configuración de la mentalidad renacentista.* Granada: Disputación Provincial de Granada, 1997. p. 9.

envolvidos na transmissão das notícias americanas. A história concebida como mestra da vida, em que o homem se amparava para conduzir moralmente seus atos e comportamentos, exigia o compromisso com a verdade dos fatos passados. A fim de que o leitor imitasse as façanhas dos espanhóis, a crônica listava as boas ações, ciente da função pedagógica que exercia a história nessa época. Na discussão a seguir, o confronto entre "cronistas de vista" e "cronistas de oída" conduzirá a problemática acerca da verdade em que a experiência pessoal de alguns testemunhos estava em desacordo com o conhecimento livresco de outros autores.

Para os cronistas de Índias, a história nesse contexto era entendida pelo seu caráter utilitário de guiar os homens na repetição dos êxitos do passado e na prevenção de antigos erros no futuro. Definido segundo o preceito ciceroniano de *magistra vitae*, o saber histórico funcionava como uma escola na qual o leitor extraía lições para sua vida, a partir da gama de exemplos apresentados pelos eventos narrados (KOSELLECK, 2006:42). Na qualidade de "testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória e mensageira da velhice" (CÍCERO, 2006:43), a história oferecia um ensino moral para os homens do presente por meio de seu diálogo constante com o passado. Das atitudes virtuosas dos personagens antigos podiam-se extrair o bom comportamento e a postura correta ditada pela época, sem o receio de incorrer em desregramentos e insucessos. Pensando assim, os cronistas de Índias recorreram por diversas vezes aos feitos passados, de modo a se instruir para suas escolhas. A atitude de Cortés de retomar o feito romano para fundamentar sua decisão de permanecer nas Índias e continuar com a conquista é um episódio ilustrativo desse comportamento, como conta Bernal Díaz:

> *[...] y estando que estábamos todos los capitanes y soldados juntos hablando con Cortés en cosas de guerra, dijo [...]: que ya habíamos entendido la jornada a que íbamos, y mediante nuestro señor Jesucristo habíamos de vencer todas la batallas [...], porque en cualquier parte que fuésemos desbaratados no podíamos alzar cabeza, por ser muy pocos, y que no teníamos ayuda sino el de Dios [...] salvo nuestro buen pelear y corazones fuertes; sobre ello dijo otras muchas comparaciones de hechos heroicos de los romanos. Y todos a una le respondimos que haríamos lo que ordenase; que echada estaba la suerte de la buena o mala ventura, como dijo Julio César sobre el Rubicón, pues eran todos nuestros servicios para servir a Dios y su Majestad* (DÍAZ DEL CASTILLO, 1999:183).

Tal como Júlio César, Cortés insistiu em seu projeto e entregou a sorte de seus companheiros às mãos da fortuna. Diante dos numerosos indígenas que lutavam a favor de Montezuma, a alternativa seria desistir da conquista ou permanecer no México mesmo ciente da desigualdade de recursos e soldados. Amparado pelo exemplo romano, o conquistador confiou no magistério da história e elegeu a segunda opção, alcançando o território e as riquezas mexicas em poucos anos de luta. Uma prova de que os fatos ocorridos no passado iluminavam as ações dos homens do presente na conduta de suas decisões.

Nas *Cartas de Relación* é possível perceber esse conceito de história como mestra da vida, utilizado por Cortés. Além dos exemplos extraídos de acontecimentos passados, seus feitos individuais foram mencionados com a intenção de divulgar valores morais. Por trás de suas façanhas no México escritas por seu próprio punho, a virtude, o esforço e a ousadia eram modelos de conduta ressaltados e destinados a atingir o público receptor. Por enunciar comportamentos, modos de ser, de pensar e de agir na descrição dos fatos históricos, as Crônicas de Índias cumpriram um papel moralizante no contexto em que foram produzidas.[2] Bernal Diaz del Castillo mostrou-se um orador dos costumes corretos presentes nas ações dos conquistadores na América, elencando a coragem, a fé e a busca pela honra durante as disputas americanas. Frei Bernardino de Sahagún destacou a postura religiosa dos espanhóis diante do encontro com as crenças indígenas, reforçando a ideia de que todo cristão deve combater as influências diabólicas na terra, em nome do único Deus.

De modo geral, todos os cronistas de Índias consideraram a crônica um espaço dedicado a afirmar os fatos importantes para serem lembrados pela eternidade e utilizados como exemplo para as gerações futuras (SERNA, 2000:61). Nesse processo, os cronistas tinham a responsabilidade de enfatizar alguns eventos e ocultar outros, mediante um exercício seletivo de construir a história da conquista à luz da atuação espanhola. Como a história instruía os homens por seus exemplos, as falhas e os erros praticados pelos espanhóis pouco eram mencionados nos relatos. Para os cronistas, as páginas da história só abrigavam a narrativa dos acontecimentos principais e dos atores

[2] De acordo com Simón Valcárcel Martínez, na Espanha não existia uma grande preocupação com o estilo da escrita, porque "[...] lo importante era el caráter de moraleja que se debía extraer como lección de la historia. En efecto, la historia funcionaba (o a eso aspiraba) como *exemplum* para los lectores". VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. op. cit., p. 431.

destacados, deixando em branco os detalhes e os fatos de pouca expressividade.[3] Esse caráter seletivo das Crônicas de Índias na escolha do que deveria ser escrito esteve relacionado diretamente com a questão da verdade, que variava entre um cronista e outro. O confronto aparecia quando diferentes versões escritas sobre um mesmo assunto não estavam em acordo sobre determinado fato, como a discordância de Bernal Diaz del Castillo à versão dada por Francisco López de Gómora:

> *También dice que derrotamos y abrasamos muchas ciudades y templos, que son sus cues, donde tienen sus ídolos, y en aquello le parece a Gómora que place mucho a los oyentes que leen su historia, y no quiso ver ni entender cuando lo escribía que los verdaderos conquistadores y curiosos lectores que saben lo que pasó, claramente le dirán que en su historia en todo que escribe se engañó, y si en las demás historias que escribe va del arte de la Nueva España, también va todo errado* (DÍAZ DEL CASTILLO, 1999:103).

A referida passagem é uma das diversas advertências que Bernal Diaz fez sobre a narrativa "mal informada" de López de Gómora. Por trás das críticas, a intenção do cronista foi corrigir a *Historia de la conquista de México* e registrar sua própria visão sobre esse evento, que considerava mais verdadeira pelo seu testemunho pessoal na América.

A ausência de escritos anteriores aos dos cronistas de Índias sobre as novas terras não permitia a comparação argumentativa entre as obras históricas no que diz respeito à região americana (VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997:473). Como não havia outras fontes de informação sobre o ambiente, a natureza e as gentes do Novo Mundo, os relatos da conquista tornaram-se a versão legítima dos fatos, ao mesmo tempo em que os cronistas os primeiros narradores da América. Na condição de "testemunhos de vista", julgavam-se detentores da verdade dos feitos contados, já que haviam presenciado de perto o desenrolar dos acontecimentos.[4] A experiência pessoal nas Índias

---

[3] Para Mercedes Serna, os cronistas de Índias reproduziram os critérios do saber histórico medieval. Influenciada pelas ideias de Cícero, a escrita da história deveria abordar somente os grandes eventos como assunto principal, dignos de recordo e nota. Os cronistas mais modernos, como Francisco López de Gómora, conseguiram inserir alguns traços humanistas em seus relatos, muito embora o compromisso com a verdade e os episódios de destaque da história fossem preservados. SERNA, Mercedes. *Crónicas de Índias*. Antología. Madrid: Cátedra, 2005, p. 60.

[4] "Mas o que os leitores da Renascença (e instituições como as companhias mercantis) geralmente exigiam da literatura de viagem era uma descrição exata do outro, uma visão clara da verdade nua. Para isso há mister não de uma roupagem, mas de uma testemunha confiável, de um criado digno de fé. Pois que o criado, pensava-se, não se interporia entre o objeto da percepção e a representação desse

era requisito necessário para confirmar a veracidade do relato e a fidelidade do cronista. Nesse sentido, o protesto de Bernal Diaz pela caracterização de sua crônica como "verdadera y muy clara historia" seguiu os critérios da época de que a "vista" era fundamental para validar o relato: *"[...] digo y afirmo que en este libro se contiene va muy verdadero, que como testigo de vista me hallé en todas las batallas y reencuentros de guerra [...]"* (DÍAZ DEL CASTILLO, 1999:55). A preocupação em reproduzir fielmente tudo o que assistira na América nutre sua crônica de detalhes e pormenores, artifício utilizado para compensar a falta de instrução e a carência das normas escritas exigidas na época. Essa atitude era amparada por muitos cronistas da conquista, que admitiam a falta de eloquência em um texto historiográfico, mas não permitiam de nenhum modo a ausência da verdade, como afirma Cieza de León apoiado no pensamento ciceroniano (VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997:452). Assim, se a crônica de Bernal Diaz não valia por sua erudição, fato reconhecido por ele mesmo em certa passagem da obra, o registro fiel dos fatos superava sua "escrita grosseira".

A consideração de que a "vista" era necessária para se alcançar a verdade dos acontecimentos ocorridos tornava indispensável a presença do cronista na América para o exercício da escrita. No caso de Bernal Diaz, a própria participação na conquista era sua fonte de afirmação dos episódios narrados, confirmados pelo indiscutível testemunho da visão. Os recursos expressivos "testigo de vista", "todo salió verdad como yo dijo", "yo vi" utilizados em diversos momentos da crônica intencionavam convencer o leitor de que estava escrevendo somente a verdade. Recorrendo à vista, o autor tinha a seu favor um valioso instrumento de persuasão e legitimidade para sustentar sua argumentação (HARTOG, 1999:276). Na tentativa de traduzir aos ausentes todo o que havia na América, os cronistas só podiam apoiar-se em suas visões para declarar a verdade daquilo que contava, já que "ver" tinha muito mais valor do que "escutar". Exatamente nesse ponto, a crônica de Bernal Diaz esteve em desacordo com a *Historia* de Francisco López de Gómora:

> *[...] después que bien mirado todo lo que he dicho que escribe el Gómora, que por ser tan lejos de lo que pasó es en perjuicio de tantos, torno a proseguir en mi relación e historia; porque dicen*

---

objeto; ela era apenas o agente do relato, não da interpretação." GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 189.

> *sabios varones que la buena política y agraciado componer es decir verdad en lo que escribieren, y la mera verdad existe en mi rudeza [...]* (DÍAZ DEL CASTILLO, 1999:104).

Por assistir os acontecimentos de longe porque nunca tinha estado nas Índias, fato já mencionando anteriormente, López de Gómora toma conhecimento da conquista pela oralidade e não, pelo testemunho próprio. A preocupação deste cronista volta-se para os critérios estilísticos do texto, pois sua formação humanista dava relevância à escrita bem elaborada e atrativa em sua forma e em seu conteúdo como recursos convincentes da narrativa (VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997:441). Sendo assim, seu relato transmitiu os feitos da conquista de modo distinto aos dos "cronistas de vista" como Bernal Diaz. O significado disso para a época foi que suas palavras não foram fundamentadas na experiência pessoal e na fidelidade de sua memória, porque esteve ausente na América. À sua crônica foram atrelados os adjetivos negativos ditados por Bernal Diaz, como "enganosa" e "faltosa con la verdad", até ser silenciada pela proibição real, no século XVI.

A valorização de Hernán Cortés em sua *Historia* como único herói do sucesso espanhol no México foi o ponto chave para as críticas de Bernal Diaz. Considerando-se participante ativo na conquista e tão responsável pela vitória como Cortés, este último cronista discordou do modo como López de Gómora construiu seu relato. Se ele não estivera nas Índias nem vira o ocorrido, como poderia afirmar que o êxito espanhol deveu-se unicamente aos feitos cortesinos? Na *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*, Bernal Díaz dá a entender, como o próprio título sugere, a veracidade e a unicidade de sua obra, pois se há uma versão verdadeira subentende-se que as demais não sejam. Quando anuncia seu relato como verídico e fiel, porque é o resultado de tudo aquilo que tinha visto, diretamente considera a obra de López de Gómora como incrível e mentirosa, assegurando ainda mais sua própria crônica.[5] A *Historia verdadera* representa as críticas dirigidas à tendência erudita livresca utilizada por muitos escritores que não concordavam que "o visto e o vivido" eram ferramentas necessárias para a produção cronística. Essa mesma oposição aparece no cronista Gonzalo

[5] Segundo François Hartog, "[...] designar a narrativa do outro como ficção é, ao mesmo tempo, da parte do narrador, validar sua própria narrativa como séria: ele quer nos fazer crer que viu, mas eu sei muito bem que não viu nada, pois eu, sim, vi realmente; é pois, em mim que vocês devem crer". HARTOG, François. *O espelho de Heródoto:* ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 304.

Hernández de Oviedo quando debate a crônica *Decadas de Orbe Novo* de Pedro Mártir, justamente pela ausência do autor durante os acontecimentos (IGLESIA, 246). Para a grande maioria dos cronistas de Índias a verdade histórica não se mostrava clara a partir de leituras e narrativas orais apropriadas dos testemunhos. O saber histórico, comparado a um espelho que deveria refletir exatamente o que ocorrera, era opaco para quem não assistira de perto os acontecimentos (KOSELLECK, 2006:164). Neste sentido, a história contada de "ouvido" não era confiável para ser acreditada e tomada como exemplo no futuro assim como o era a história contada de "vista".

O zelo pela transparência da escrita alcançou todos os tipos de cronistas dedicados à narrativa da conquista. Letrados ou não, ausentes ou presentes na América e até mesmo os cronistas nativos estiveram compromissados com a verdade dos fatos (VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997:468). Na *Historia de Tlaxcala*, Diego Muñoz Camargo enfatiza que estava contando um episódio verdadeiro ao expressar-se assim: *"y no fue fábula, ni la es, porque en efecto pasaba así"* (MUÑOZ CAMARGO, 2001:158). Cada qual teve sua forma particular de registrar os acontecimentos e afirmar a sua verdade, que variava entre um e outro pelo modo com que tomaram conhecimento dos eventos. Bernal Diaz defende a sua versão porque se considerou testemunho ocular na América, ao contrário de López de Gómora que entendeu a história como ofício de quem domina as normas de escrita, muito embora preservasse a verdade dos fatos. Frei Bernardino de Sahagún opta pela utilização de fontes indígenas para alcançar ao máximo a veracidade sobre os costumes, crenças, ritos e organização do grupo mexica. A partir da consulta dos códices mexicas e dos relatos orais dos nativos, Sahagún obteve a verdade sobre os povos americanos. Sua atitude inovou os critérios de coleta de informações da época, já que lançou mão de testemunhos orais e pictogramas indígenas como fontes históricas válidas para o conhecimento do passado (VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997:458). Finalmente, o conquistador Hernán Cortés assegurou a verdade em suas *Cartas* ao afirmar ser "testigo de vista" assim como fez Bernal Diaz: *"[...] porque sabré, como testigo de vista, decir a vuestra celsitud lo que a vuestro real servicio conviene, que acá mandé proveer y no podrá ser engañado por falsas relaciones"* (CORTÉS, 2003:445). No entanto, não foi tão insistente e enfático como o soldado, porque o caráter oficial das cartas anunciava credibilidade para o texto. A função obrigatória de informar o andamento da conquista por meio de cartas e relações

certificava que o autor estava em acordo com a verdade, visto que todo o conteúdo escrito destinava-se ao rei.

Mesmo todo o cuidado em escrever os acontecimentos não bastava para que a crônica lograsse seus méritos de história verdadeira, pois a narrativa da conquista poderia ser confundida com as novelas de cavalaria produzidas na época. Como o conteúdo descrito era novo e próximo aos lugares encontrados nos "romances fabulosos", tornava-se fácil a mistura dos capítulos da conquista contados e as aventuras tiradas dos livros de cavaleiros (VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997:470). Desta forma, era preciso que o cronista assegurasse a versão fiel e o compromisso de narrar os fatos exatamente como ocorreram, confirmados e provados pela experiência vivida na América. A "vista" afirmava a autenticidade do relato e tornava-o a tradução da história da conquista.

O amparo no testemunho direto como garantia da verdade dos acontecimentos escritos tornava a crônica um texto confiável e fidedigno aos olhos do leitor. Da mesma forma, tornava o cronista o produtor de uma memória que futuramente seria retomada para ilustrar os bons exemplos representados pelos indivíduos virtuosos que se destacaram na conquista. Vale lembrar que na produção cronística de Índias o tom pessoal do cronista teve um peso considerável no momento da escrita, de maneira que a defesa particular de seus interesses interferiu na descrição dos personagens. É desse modo que o fazer cronístico construiu a memória dos eventos e definiu as cenas e os protagonistas da conquista, colocando-os em lugar destacado durante a escrita.

REFERÊNCIAS

ARCINIEGAS, German. *América en Europa*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1975.

BAUDOT, Georges. *La vida cotidiana en la América Española en tiempos de Felipe II.* Siglo XVI. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

BERNAND, Carmen. (Org.). *Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años.* México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

_____.; GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo*. São Paulo: Edusp, 2001, 2º ed.

BLANCO AGUINAGA, Carlos; RODRÍGUEZ PUÉRTOLAS, Julio; ZAVALA, Íris M. *Historia social de la literatura española* (en lengua castellana). Madrid: Castalia, 1981.

CARRILLO, Francisco. *Cartas y cronistas del descubrimiento y la conquista*. Lima: Editorial Horizonte, 1987.

DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1984, v.II.

DIAS, José Sebastião da Silva. *Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

ELLIOTT, John H. *O velho mundo e o novo; 1492-1650*. Lisboa: Querco, 1984.

_____. *España y su mundo.* 1500-1700. Madrid: Alianza Editorial, 1991.

_____. A conquista espanhola e a colonização da América. In: BETHELL, Leslie. (Org.). *História da América Latina*. América Latina colonial. São Paulo: EDUSP, 2008, v. 1.

_____. A Espanha e a América nos séculos XVI e XVII. In: BETHELL, Leslie. (Org.). *História da América Latina*. América Latina colonial. São Paulo: EDUSP, 2008, v. 1.

ESLAVA GALÁN, Juan. Entre Colombo e D. Quixote. *Sevilha, século XVI.* De Colombo a D. Quixote, entre a Europa e as Américas – o coração e as riquezas do mundo. Lisboa: Terramar, 1992.

ESTEVE BARBA, Francisco. *Historiografia indiana.* Madrid: Gredos, 1964.

FAZIO FERNÁNDEZ, Mariano. El honor español en las crónicas americanas de los siglos XVI y XVII. In: REGALADO DE HURTADO, Liliana; SOMEDA, Hidefuji. *Construyendo historias: aportes para la historia hispanoamericana a partir de las crónicas*. Lima: PUCP, 2005.

FRAMIS, Ricardo Majo. *Vida de los navegantes y conquistadores españoles:* colonizadores y fundadores en Indias. Siglos XVI, XVII y XVIII. Madrid: Aguilar, 1954, v. 3.

GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso*: o novo mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GOMEZ, Thomaz. *L'invention de L'Amérique*. Mythes et réalités de la Conquête. França: Champs Flammarion, 1992.

GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto:* ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. *Memória de Ulisses*. Narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

IGLESIA, Ramon. *Cronistas e historiadores de la conquista de México*. México: Biblioteca de la Ciudad de México, s/d.

KARNAL, Leandro. As crônicas ao sul do Equador. In: *Revista Idéias*, UNICAMP, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado:* contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

MADARIAGA, Salvador de. Hernán Cortés. In: *Ocho vidas de conquista*. Madrid: Ediciones Castilla, 1952.

MARAVALL, José Antonio. *Antiguos y Modernos:* visión de la historia e idea de progreso hasta el Renacimiento. Madrid: Alianza, 1998.

PIZARRO, Ana. Introducción. In: PIZARRO, Ana (Org.*). Palabra, literatura y cultura en las formaciones discursivas coloniales*. A situação colonial. Campinas: UNICAMP, 1993, v. I.

PUPO-WALKER, Enrique. *La vocación literária del pensamiento histórico en América*. Madrid: Gredos, 1982.

RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SALE, Kirkpatrick. *A conquista do paraíso.* Cristóvão Colombo e seu legado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

SERNA, Mercedes. *Crónicas de Índias*. Antología. Madrid: Cátedra, 2000.

SILVA, Janice Theodoro da. *Descobrimentos e colonização*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Descobrimentos e Renascimento*. São Paulo: Contexto, 1991.
TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América:* a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. *Las crónicas como expresión y configuración de la mentalidad renacentista.* Granada: Diputación Provincial de Granada, 1997.

FONTES:

CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación.* Madrid: Dastin, 2003.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de Nueva España.* Madrid: Castalia, 1999.

LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. *Historia de la conquista de México.* Venezuela: Ayacucho, 1979.

MUÑOZ CAMARGO, Diego. *Historia de Tlaxcala.* Madrid: Dastin, 2001.

SAHAGÚN, Bernardino de. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Madrid: Alianza, 1988.